

Muitos dos angolanos radicados no Brasil estão interessados em participar no S.E.F.

Jornal de Angola
2/2/89 p.2

O Embaixador angolano no Brasil, Francisco Romão de Oliveira e Silva, concedeu ao Jornal de Angola uma entrevista, durante a qual abordou diversos aspectos da cooperação entre Angola e o maior país da América Latina, e enfatizou as esperanças que se abrem sob o prisma do novo entendimento alcançado com a visita ao nosso País, do Chefe de Estado brasileiro, Sua Excelência o Presidente José Sarney.

Muitos dos angolanos que se encontram radicados no Brasil, por exemplo, em São Paulo, estão bem situados e, o que é mais importante, é que eles estão interessados em participar deste trabalho todo que se abre agora no âmbito do S.E.F., acrescentou o Embaixador Francisco Romão, já no término da entrevista que abaixo transcrevemos.

JORNAL DE ANGOLA — O aprofundamento do diálogo político bilateral que resultou da visita do Presidente José Sarney a Angola, vai permitir que se ultrapasse o sentido mercantilista da cooperação entre os dois países. Porque é que o Presidente do Brasil, o primeiro país do Mundo a reconhecer Angola independente, só agora visitou o nosso País?

EMBAIXADOR FRANCISCO ROMÃO — Eu gostaria de dizer, antes de mais, que o diálogo, as relações entre o Brasil e Angola datam já de muitos anos, desde a nossa luta de libertação e conheceram um incremento bastante importante, aquando do reconhecimento da independência de Angola, a 11 de Novembro de 1975. A partir daí, esses laços foram-se reforçando. Se estamos recordados, logo depois do reconhecimento, alguns países ocidentais tentaram boicotar Angola quanto à possibilidade de importar produtos comerciais e o Brasil não só não participou dessa conjura, como reforçou os laços de cooperação com Angola. Tudo isso reflecte bem o sentimento do povo brasileiro em relação às suas responsabilidades para com Angola, baseadas, claro, nas ligações históricas e culturais existentes entre os nossos dois povos. Acho que apenas agora se verificou a oportunidade dessa visita e o importante é que, de facto, isso tenha tido lugar num momento particularmente crucial da história de Angola, em que experimentamos pela primeira vez, a perspectiva de paz, face às agressões a que estivemos sujeitos durante muitos anos e em que se abrem possibilidades de desenvolvimento da nossa economia na base do Programa de Saneamento Económico e Financeiro. Eu penso que foi apenas uma questão de oportunidade.

J.A. — O impacto da visita de José Sarney a Angola é, a todos os níveis, grandioso. O Presidente brasileiro afirmou a sua concordância à política de Clemência e Harmonização Nacional, conduzida pelo Governo angolano. Como interpreta, Camarada Embaixador, este reconhecimento da justiça da luta travada pelo Povo angolano?

E.F.R. — Sem dúvida nenhuma, nós estamos diante de uma nova situação. Estas medidas de Clemência e de Harmonização Nacional vêm ao encontro das preocupações que o nosso Partido, o Governo e todo o nosso povo vivem no sentido de normalizar a vida no nosso País, em termos de resolução dos problemas que afligem o nosso povo, o relançamento da economia do nosso País e a sua colocação na arena internacional. Angola ocupa hoje um lugar particularmente importante no Mundo, é, digamos, um dos centros das atenções da situação internacional e estas medidas agora adoptadas, vão permitir que a maior parte dos países progressistas do Mundo reforcem a sua confiança, a sua determinação em apoiar o nosso País para a concretização e a consolidação dos nossos objectivos. Porque são efectivamente medidas justas, medidas tendentes a criar condições para uma existência saudável, no sentido de se atingirem os objectivos do nosso processo revolucionário de transformação progressista nesta parte do continente africano.

J.A. — Na sua globalidade, incluindo o cenário da conjuntura internacional, gostaria que o Camarada Embaixador, fizesse o balanço geral desta visita?

E.F.R. — Eu disse antes que as relações entre o Brasil e Angola têm vindo progressivamente a reforçar-se, a ampliar-se e consolidar-se. Durante a visita de Sua Excelência, o Presidente José Sarney a Angola, podemos dizer que atingimos o clímax destas relações, porque foi possível nos fazermos a reunião normal da Comissão Mista entre o Brasil e Angola, que permitiu ampliar, permitiu identificar, avaliar os resultados dos trabalhos das áreas aonde nos encontramos já a cooperar e foi possível igualmente identificar outras áreas que não tinham ainda conhecido um incremento maior. De modo que, neste momento, as perspectivas de ampliação da cooperação económica nos domínios técnico, científico, cultural e financeiro, são visíveis e são patentes. Basta referir o facto de termos chegado à conclusão sobre a necessidade de uma Comissão de Emergência, para agilizar os objectivos definidos pelos nossos dois Presidentes, o Camarada Presidente José Eduardo dos Santos e o Presidente José Sarney. Esta Comissão de Emergência, na minha opinião, reflecte verdadeiramente as preocupações que nós temos quanto ao desenvolvimento do nosso País e a vontade, abertura e determinação do Brasil de apoiar Angola no desenvolvimento dos diferentes sectores da nossa vida. Creio que para correspondermos de imediato a essa preocupação, nós poderíamos já indicar os elementos que deveriam constituir a parte angolana da Comissão de Emergência. Em segundo lugar, indicar mesmo as prioridades da nossa parte. Em terceiro lugar, talvez propormos já uma data possível para a próxima reunião desta Comissão de Emergência. Eu creio que dessa forma, nós poderíamos começar a dar os primeiros passos na concretização de objectivos muito claros e bem definidos pelo Camarada Presidente José Eduardo dos Santos. Na avaliação que eu também faço das intenções e preocupações da parte brasileira, sinto que há todo o interesse nisso, e isso viria ao encontro dos nossos desejos.

J.A. — No final dos trabalhos da 4.ª sessão da Comissão

Mista Angola/Brasil, foi firmado um protocolo de cooperação para o período 89/90. Terá este protocolo, de tão curta duração, um carácter somente experimental?

E.F.R. — Não, de maneira nenhuma. Nós tivemos de definir algumas etapas, um período através do qual nós pudéssemos concretamente materializar alguns objectivos, o que não quer dizer que algumas dessas acções, alguns desses objectivos não possam conhecer ou não devem conhecer um prolongamento futuro. Aliás, terá de ser, porque há acções desenvolvidas agora que, pela sua grandiosidade, pela sua complexidade, terão necessariamente que se projectar num tempo superior àquilo que está definido. Portanto, têm mesmo um carácter definitivo, para a sua concretização, porque são acções que consideramos prioritárias, fundamentais, e que conhecerão um alargamento através do tempo.

J.A. — O Camarada Embaixador sabe que os brasileiros têm uma doença muito parecida com o nosso paludismo, que é o dengue. Neste aspecto, gostaria que se referisse à importância e ao alcance do acordo no domínio da medicina tropical, firmado entre a Fundação Oswaldo Cruz, do Brasil, e o Instituto Nacional de Saúde Pública angolano?

E.F.R. — Realmente, nesse aspecto, o Brasil tem um de-



Embaixador Francisco Romão:
a visita do Presidente brasileiro
ao nosso país
abriu novas vias para a
cooperação bilateral

seenvolvimento bastante acentuado e que é muito útil para os países nas nossas condições, portanto, os países africanos. E esse acordo surge exactamente na sequência de vários entendimentos que nós fomos tendo ao longo destes tempos. Vários peritos brasileiros e angolanos têm estado a conversar sobre o assunto, a trabalhar nele, vários peritos angolanos se deslocaram ao Brasil também para o aprofundamento dessa matéria, e este acordo agora assinado visa concretizar um trabalho importante no domínio da saúde. Dessa forma, nós vamos poder ver resolvidos alguns desses problemas com a participação dos brasileiros. Nessa matéria eles têm muita experiência, têm já resultados muito positivos e que nos serão muito úteis para a resolução destas dificuldades, destes problemas que nós ainda temos no País.

J.A. — Camarada Embaixador, pode adiantar algo sobre a futura cooperação brasileira com o nosso País no campo da Educação? Que níveis abarcará e que moldes estão previstos?

E.F.R. — Entre nós e o Brasil tem-se operado uma cooperação no domínio da educação, no domínio da formação de quadros, bastante considerável. O número, por exemplo, de alunos universitários angolanos no Brasil aumentou, assim como outros domínios do conhecimento técnico-profissional. As perspectivas são boas, porque as diferentes instituições brasileiras, os diferentes Estados brasileiros que são 23, têm manifestado o seu interesse em ampliar cada vez mais as relações com as nossas instituições ligadas à educação e formação de quadros. O aproveitamento, eu diria que não é bom, porque não temos sido ainda capazes de tirar todo o proveito destas oportunidades que nós têm sido colocadas. Acho que aqui mesmo, nós devemos prestar uma grande atenção, porque dos contactos directos que nós temos com as instituições brasileiras, sabemos do seu interesse em aumentar as condições de recepção de quadros angolanos para a sua formação. Então eu acho que é chegado, de facto, o momento para tirarmos o maior partido desta oportunidade de formarmos os nossos quadros. O inverso também se dá. Quer dizer, a vinda de quadros brasileiros a Angola. Porque, na nossa Embaixada, nós temos recebido muitas solicitações nos mais diferentes níveis de formação de quadros brasileiros que querem trabalhar em Angola. É uma questão de coordenação, e uma questão de identificação das áreas, é uma questão de oportunidade. Devemos criar condições para que efectivamente estes quadros possam chegar e dar a sua contribuição nas áreas que nós consideramos prioritárias, importantes e indispensáveis.

J.A. — Na sua entrevista à T.P.A., o Camarada Embaixador referiu que dois construtores — Mendes Júnior e Camargo Correia, demonstraram muito interesse em investir em Angola, no domínio da construção civil. A mais curta prazo, o que se prevê arrancar em Angola, a nível de participação directa do empresariado brasileiro, nesse domínio?

E.F.R. — A vinda dessas empresas a Angola surge como consequência do seminário que nós levamos a cabo no Brasil,

mais concretamente em São Paulo, que foi um seminário sobre o Programa de Saneamento Económico e Financeiro em Angola. O seminário visava dar a conhecer aos empresários brasileiros a realidade angolana, o que é o S.E.F., quais os objectivos, quais as perspectivas, as oportunidades, enfim, em que condições empresários brasileiros ou outros poderiam investir em Angola. Explicamos, inclusive, as diferentes modalidades através das quais eles se poderiam instalar em Angola. Nós fizemos participar nesse seminário técnicos angolanos, como o caso dos camaradas Victor Nunes e Gouveia Neto, que puderam fazer uma explanação profunda desses mesmos objectivos, e naturalmente que todo o empresariado brasileiro, posso dizer todos, porque toda a imprensa deu uma grande cobertura ao evento, porque participaram personalidades muito importantes, quer ao nível de empresas privadas, como responsáveis de instituições económicas brasileiras, estiveram presentes representantes de empresas dos mais diferentes Estados e o resultado foi que eles ficaram muito sensibilizados para a sua intervenção em Angola. É assim que várias empresas brasileiras têm manifestado o seu interesse em intervir em determinadas áreas. Nós estamos agora a fazer uma selecção das mesmas e mostrar-lhes as condições de virem até Angola. Con-

cretamente no caso destas duas empresas, são grandes empresas que abrangem várias áreas de actividade no Brasil, o caso da Mendes Júnior e da Camargo Correia. A Camargo Correia virá proximamente, mas a Mendes Júnior já pode fazer uma avaliação dos nossos objectivos em termos do nosso Ministério da Construção, definir bem as nossas preocupações. E eles já regressaram para planificar a sua intervenção em Angola. Eles saíram daqui muito satisfeitos, porque não faziam ideia nenhuma dessas preocupações e portanto, quando eu regressar ao Brasil, vou poder reunir com todos eles, para programarmos essa intervenção. Não só em relação a essas empresas que vão ter a oportunidade de conhecer as preocupações no âmbito do nosso Ministério da Construção, como as outras que pretendem chegar a Angola como mesmo objectivo e eu creio que a materialização desses objectivos será tão rápida, quanto maior for a rapidez com que nós soubermos apresentar as nossas necessidades, enquadrar, enfim, o seu esforço, o seu desenvolvimento, o seu interesse na solução dos nossos problemas, porque eles estão dispostos, estão abertos, estão prontos a chegar, investir e trabalhar no sentido da ampliação e da materialização dos nossos interesses. Então, restará apenas, da nossa parte, apresentarmos o quadro das nossas necessidades, o quadro dos nossos interesses, e começarmos de facto a trabalhar.

J.A. — O êxodo de angolanos, antes e depois da independência, não se deu apenas para Portugal e outros países, mas abarcou, em determinada escala de importância, o Brasil. Há alguns dados estatísticos, sobre essa emigração para o Brasil ou algum cálculo aproximado do número de angolanos fixados por todo o Brasil?

E.F.R. — Concretamente, pode não ser bem conhecido o número de angolanos existentes no Brasil. Isso foi um processo longo que se enquadra dentro da nossa História e que hoje conhece uma face diferente daquela que conheceu no passado. Por exemplo, no período da escravatura, foram para as Américas, pelo menos dez milhões de angolanos. Dentre eles, a sua maior parte ficou no Brasil. São quadros que fazem parte, hoje, da textura social brasileira. Deram a sua contribuição na edificação da sociedade e contribuíram para o crescimento do país com a sua mão-de-obra e em todos os outros domínios da sociedade brasileira, em termos de cultura, língua, tradições. Existem entre nós laços de consanguinidade de tal maneira que hoje, é uma grande preocupação da nossa parte, colocarmos instrumentos que permitam identificar cientificamente até que ponto se dá a vinculação do povo angolano na textura social brasileira. É necessário que se estude, que se analise, que se aprofunde esse conhecimento e, quer da nossa parte, como da parte brasileira, tem havido esse interesse, essa necessidade e o nosso desejo de criarmos instituições culturais, quer em Angola quer no Brasil, visa sobretudo esse aprofundamento. Faz parte de um dos nossos projectos, a criação de uma casa de cultura no Brasil, que tem como objectivo principal esse aprofundamento, e não só. Criarmos condições

para o alargamento da visão das relações entre o Brasil e Angola, em termos de laços culturais, em termos do reforço da cooperação entre os nossos dois países, povos, enfim, em todos os aspectos que possam permitir o reforço e a ampliação dos nossos laços culturais, enfim, tudo o que possa contribuir para uma maior identificação dos nossos dois povos.

J.A. — No seguimento desta questão, e referindo-me somente aos compatriotas que abalaram daqui depois da independência, não sei se tem havido contactos com a Embaixada por parte de alguns angolanos que desejem regressar ao País?

E.F.R. — Nós tivemos a oportunidade de, em Setembro do ano passado, realizar um encontro em São Paulo. E foi surpreendente o resultado desse encontro. Porque um número bastante significativo de angolanos residentes no Brasil, mais concretamente em São Paulo, compareceu. E aí, nós pudemos explicar os objectivos desse encontro, não só o de tomarem conhecimento de que nós já estávamos representados diplomaticamente no Brasil, como o de colocarmo-nos à disposição desses angolanos que se encontram agora a residir no Brasil, como forma não só de acompanharem a situação em Angola, como também de servirmos de veículo para muitas das suas preocupações, e não só. Mesmo para a resolução de muitos dos seus problemas. Explicamos que o facto de se encontrarem a residir no Brasil não deveria constituir de maneira nenhuma qualquer dificuldade no nosso relacionamento, pelo contrário, nós deveríamos encontrar condições para estreitarmos cada vez mais os nossos contactos, os nossos laços como angolanos que somos e que nós, como Embaixada, deveríamos contar com a colaboração de todos esses angolanos no Brasil. Foi um encontro muito positivo, porque inclusive, ofereceram-nos uma salva de prata, em nome de todos eles, foi uma cerimónia muito bonita, entoaram canções angolanas, participaram no evento crianças angolanas e brasileiras, foi um momento de confraternização muito importante. Agora com a divulgação das medidas de Clemência e Harmonização Nacional, medidas que foram amplamente divulgadas pelo Mundo e são hoje já bastante conhecidas, isso aumentou ainda mais o interesse dos referidos compatriotas residentes no Brasil. Nós temos orientações no sentido de criarmos todas as condições para a materialização dos desejos de todos aqueles que pretendam regressar. A Embaixada está efectivamente aberta, está pronta a colaborar, a cooperar, a trabalhar com todos os que manifestem o seu interesse em regressar a Angola, e até mesmo com aqueles que pretendam permanecer no Brasil e que manifestem o seu interesse em conservar e preservar os laços com o nosso país. São contactos que nós já temos tido a vários níveis e que vamos procurar ampliar, reforçar, a partir das medidas que vão ter o seu início de 4 de Fevereiro próximo.

J.A. — Não é do conhecimento do Camarada Embaixador a existência de angolanos que se tenham tornado sócios de empresas ou empresários com capital e meios constituídos no Brasil?

E.F.R. — Sim. Dentre muitos desses angolanos que se encontram radicados, por exemplo, em São Paulo, alguns deles são altos funcionários de instituições estatais, como também de grandes empresas privadas brasileiras. Muitos deles estão muito bem situados. Outros até estabelecidos individualmente, com um porte razoável. Têm prestígio, trabalham muito bem e com os quais nós temos bons contactos, boas relações. Este encontro que tivemos em Setembro passado, foi um acontecimento importante que deu para identificar, para conversarmos com eles e o que é mais importante é que eles até estão interessados em participar deste trabalho todo que se abre agora no âmbito do Programa do Saneamento Económico e Financeiro.

J.A. — Então é possível a participação em Angola desses capitais, desses elementos...

E.F.R. — ...sem dúvida nenhuma! Eles já várias vezes manifestaram esse interesse, Agora, é uma questão de coordenação.

J.A. — Camarada Embaixador, a última questão. Que esperança é que leva como angolano para o Brasil, antes da sua partida? Que esperança é que criou em relação ao futuro do Povo Angolano?

E.F.R. — Eu levo a maior esperança. Embora o Brasil seja quase um continente, tem proporções continentais, eu já conheço um pouco do Brasil, pelo menos o suficiente para saber que o Brasil tem possibilidades de jogar um papel importante na solução de muitos problemas que nós vivemos em Angola. Tem um nível de desenvolvimento técnico-científico acentuado e esse desenvolvimento não está muito distanciado do estado em que nós nos encontramos. Quer dizer que se enquadrar perfeitamente dentro do nosso nível. E então, tendo em conta a vontade política existente entre os nossos dois povos e Governos, eu creio que é chegado, de facto, o momento para a ampliação de todos esses laços. Eu acredito que como resultado desse trabalho que foi desenvolvido agora com a visita do Presidente José Sarney a Angola, vai ser possível conhecermos um clima completamente diferente daquele que nós vivíamos até agora. Quer dizer que se até agora, o clima foi bom, a partir de agora, nós estamos em condições muito especiais, excepcionais mesmo, poderia dizer, porquanto eu sei do interesse da parte brasileira em se engajar nas actividades que nós pretendemos desenvolver no nosso País. Então as esperanças são enormes, e eu acredito nelas, porque conheço as duas partes, conheço a realidade angolana e conheço já a realidade brasileira, e sei que elas se podem complementar muito bem no sentido da materialização dos objectivos dos nossos dois países. Acredito no sucesso, no êxito desta nova fase de cooperação que se levanta diante dos nossos dois países.

Entrevista conduzida
por José Luis Mendonça